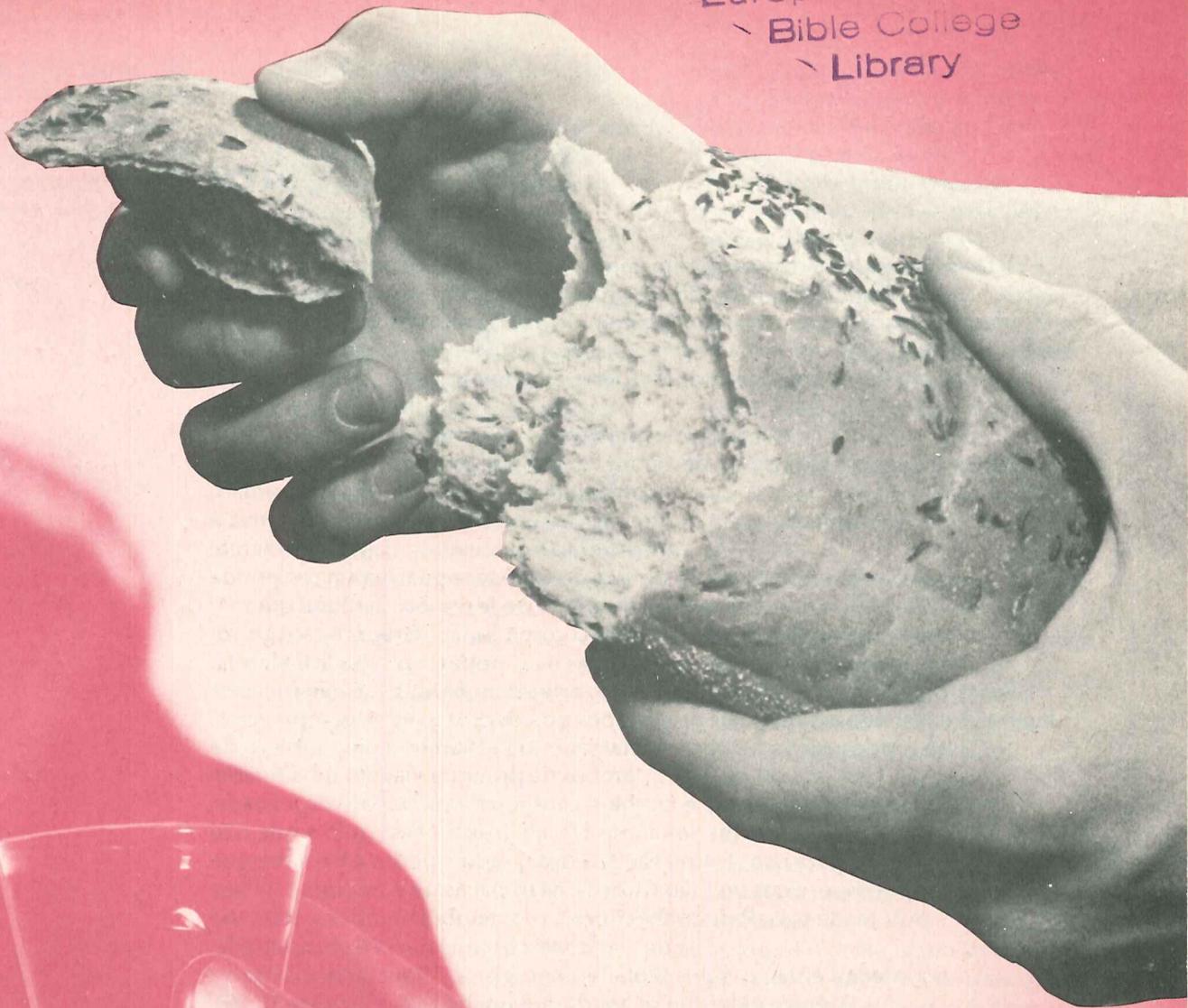


European Nazarene
Bible College
Library



O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
1 DE OUTUBRO DE 1981



briga de crentes

—Jorge de Barros

De visita a uma cidade, levaram-me a uma rua onde se dera vergonhoso acontecimento. Num dia de procissão solene, homens importantes daquela terra transportavam a imagem de uma santa. Por qualquer razão, surgiu entre eles uma discórdia. A princípio, trocaram entre si descomposturas veladas. Depois, gritaram insultos. Finalmente, pousaram o andor e agrediram-se à paulada.

Não foi a primeira vez, nem será infelizmente a última, em que adeptos da mesma fé cristã se deixaram vencer por fraquezas e expressaram com violência uma diferença de opinião.

Encontramos caso muito mais grave na famosa Igreja Primitiva e entre gente hoje reverenciada como santa.

Após a conversão de Saulo de Tarso, os cristãos guardaram ressentida distância deste que agora se intitulava discípulo de Jesus. Foi Barnabé quem o recebeu e urgiu a igreja a admiti-lo como irmão. Graças a este gesto, Paulo tornou-se uma das mais populares figuras da igreja.

Por isso, dói-nos muito encontrá-lo em briga com Barnabé. E não foi coisa ligeira. A contenda assumiu tais proporções que os dois amigos se separaram.

Tudo, por causa de um jovem chamado João Marcos, companheiro de ambos na primeira viagem missionária.

Marcos, inexperiente e também cansado das privações da jornada, desertou. Mais tarde, ter-se-ia reunido ao grupo. Mas Paulo é que não estava para isso! Expressou seu desagrado e pediu a Barnabé que dispensassem os serviços de João Marcos. Mais paciente e tolerante, talvez pela idade e melhor conhecimento da natureza humana, Barnabé quis dar a Marcos uma outra oportunidade.

Aconteceu então o que a Bíblia assim registra: "Tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro" (Actos 15:39).

Fica o aviso para os que, por viverem à sombra de uma religião de amor, se julgam protegidos de desavenças na família da fé. O episódio ensina, também, que qualquer divergência de opinião pode degenerar em inimizade quando alimentada por ânimos exaltados.

Mas interessa-nos hoje ver como Paulo reconsiderou a sua posição inflexível e se fez admirador do jovem a quem tão fortemente se opusera.

Numa carta escrita da prisão, Paulo rogou que lhe trouxessem a João Marcos, pois lhe era "muito útil ao ministério".

Foi uma reviravolta total no conceito de Paulo quanto ao jovem. Também, uma confissão tácita do Apóstolo de que errara ou se excedera no julgamento anterior quanto a João Marcos.

Os cristãos erram, mas não continuam a viver os seus erros numa teimosia infeliz de provar que tinham razão.

O caso de Paulo, Barnabé e João Marcos é muito mais que uma página perturbadora da Bíblia. Mostra o triunfo do bom senso sobre a emoção exaltada; é a vitória do espírito que reconsidera e procura reparar um erro.

Se a tradição está certa, a perda de João Marcos teria sido grave para o Cristianismo. Há os que lhe atribuem o Evangelho do mesmo nome; muitos diziam que ele evangelizou o Egito, tornou-se bispo de Alexandria e, durante as perseguições de Nero, selou com o sangue a sua determinação de seguir a Cristo.

Há mais coragem em reconhecer o erro e repará-lo do que em perpetuar uma opinião intolerante baseada em sensibilidade ferida. Nenhum preço é demasiado para a paz entre irmãos em Jesus Cristo. □

creio na igreja!

—William M. Greathouse
Superintendente Geral

Um dos sinais animadores do nosso tempo é o renascimento da compreensão evangélica da Igreja como Corpo de Cristo. No entanto, há longo caminho a percorrer antes de se recuperar a

teologia total neo-testamentária da Igreja.

A Reforma reaveu o significado da salvação pessoal: ser salvo não é assunto simplesmente de batismo e membresia na igreja, mas de justificação pela fé em Cristo. Sob o peso crescente do pensamento individualista do século das luzes, o pêndulo oscilou para o extremo oposto: ser salvo é objecto inteiramente de fé individual; a igreja passou a plano secundário na vida cristã. Nesta teologia, o batismo e a membresia na igreja ficaram à discrição do crente. O Novo Testamento desconhece os dois extremos: ser cristão é estar com Cristo e, ao mesmo tempo, ser membro do Seu corpo, a Igreja (Efésios 1:22-23).

Para a comunidade do Novo Testamento o princípio era

simples: fora da igreja não existia salvação. Converter-se a Cristo implicava ser batizado no Seu corpo. Fé e batismo eram duas faces da mesma moeda. O que o Espírito operava pelo Seu poder, a Igreja confirmava e selava com o batismo de água. O apóstolo Paulo escreveu: "Assim como o corpo é um, e tem muitos membros... assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito" (I Coríntios 12:12-13).

Procuremos recuperar o conceito "social" do Novo Testamento. O pensamento individualista moderno é do mundo, não de Cristo. "Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros uns dos outros"

(Romanos 12:5). A vida em Cristo é vida no Seu corpo, a comunidade de crentes regenerados e batizados.

Ninguém o viu mais claramente que João Wesley. Ele declarou: "*Santos solitários* é uma frase mais discordante com o evangelho que *santos adúlteros*. O Evangelho de Cristo não conhece religião além da social; nem santidade além da social". Por isso organizou os metodistas em pequenos grupos e insistiu que recebessem fielmente a Santa Ceia e aproveitassem todos os meios da graça. Não seremos povo santo de Deus se nos mantivermos como indivíduos isolados, mas tornando-nos membros da "comunidade dos santos". O amor perfeito é o dom do Espírito Santo no seio da Igreja, o corpo de Cristo.

Ser cristão do Novo Testamento é declarar, de acordo com as palavras dos apóstolos: "Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja de Jesus Cristo, na comunhão dos santos". Eu creio na Igreja!

□

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X
1 de Outubro de 1981
Número 19

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



Foto por D. Gomes

que está você a ler?

—J. Fred Parker

Certa professora designou aos alunos esta tarefa: "Escrevam a uma pessoa instruída pedindo um conselho apropriado para um aluno de ensino médio". Uma jovem escreveu a determinada jornalista de fama. Teve uma resposta atinada: "O meu conselho seria: Lê. Os livros constituem uma fonte de conhecimento e de satisfação. Nas suas páginas descobrirás a sabedoria de todas as épocas, o melhor que se tem pensado, sentido e dito. Lê para te distraíres; para te deleitares; e para te instruíres".

São palavras animadoras numa época em que a leitura é uma arte quase esquecida. No meio de tantos divertimentos e pressões faz falta o exercício da leitura.

É lamentável que dispondo agora de mais e melhores livros leiamos menos. Como em qualquer outra

actividade humana, devemos disciplinar-nos e ler.

Pearl Buck censura quantos dizem que não dispõem de tempo para ler: "Essa atitude significa falta de interesse em conhecer os eruditos, desenvolver a inteligência e a própria personalidade".

Para crescer intelectual, cultural e espiritualmente, precisamos de ler. Ninguém pode conservar a saúde física sem dieta adequada ou privando-se por completo de alimento.

É verdade crucial especialmente para os crentes. João Wesley declarou: "Os cristãos que lêem, são os que crescem; quando deixam de ler, deixam de crescer".

Daqui surge a pergunta: Então que devo ler?

Têm-se dado aos livros títulos de grandeza: "Os mensageiros das idades"; "As fontes de inspiração";



CAPA: Fotos por H. Phillips
e D. Anderson

“Os mananciais da verdade”. Alguém disse: “Um livro é um jardim, um horto, um armazém, um divertimento, um companheiro, um conselheiro”.

Hellen Keller, possuidora de dons extraordinários de leitura, afirmou: “Cada livro é um barco que nos leva da estagnação de nossas limitações ao movimento e esplendor do oceano infinito da vida”.

Admitamos que nas livrarias se encontra literatura barata, de mau gosto e pessimamente escrita. Inclusive na lista de êxitos literários deparamos com livros de valor reticente—vergonhoso para a nossa geração.

Por isso, temos obrigação de seleccionar cuidadosamente a nossa leitura. Ponderemos a observação de A. W. Tozer: “É de suma importância que leiamos apenas o melhor e nada mais. Disciplinemos rigorosamente os nossos hábitos de leitura”.

Impende sobre a Casa Nazarena de Publicações a responsabilidade de prover o melhor quanto a temas evangélicos. É a maior empresa editorial do mundo produtora de livros de santidade.

A CNP imprime anualmente cerca de 650.000 exemplares de livros, entre os quais 45 a 50 novos títulos. Infelizmente, além dos livros missionários que recebem impulso através do programa organizado de leitura, o número de leitores é insignificante.

Para muitos, a única dieta de leitura é o jornal ou qualquer revista. Estes contêm certo valor, mas não são as verdadeiras minas de ouro que os leitores podem descobrir nos livros. Há volumes de todos os tamanhos e temas; uns mais interessantes que outros. No entanto, os livros estão “de braços abertos” convidando o espírito investigador a compartilhar momentos de inspiração, verdades desafiantes, a conhecer a herança do passado e a acumular pensamentos para um futuro mais glorioso.

Compre livros. Leia-os e compartilhe com outros. Recorde a frase tão conhecida: “Quem não lê é como quem não vê ou não sabe ler”. □

o domingo de assembleia geral

—H. T. Reza

As assembleias gerais da Igreja do Nazareno têm sempre boa assistência, tanto de ministros como de leigos. Evidencia-se isto pelo facto de serem à volta de 800 os delegados oficiais e a assistência às reuniões ultrapassar 35.000 pessoas, especialmente nos primeiros dias.

Pode interpretar-se como lealdade denominacional ou interesse pessoal nas tendências da igreja neste período crucial da história. Muita gente aproveita as férias para assistir e andar em reuniões e apertos, sob clima quase insuportável.

Mas historicamente, o domingo de Assembleia Geral é o que toda a gente recorda. Essencialmente por duas razões: (1) pelo culto de comunhão que se realiza de manhã com pregação dum superintendente geral; e (2) pela concentração missionária da parte de tarde.

Por tradição, o culto de Santa Ceia é solene. Nas assembleias gerais anteriores eram servidas até 35.000 pessoas em menos de 15 minutos. O estilo deste serviço torna-se norma para os superintendentes de distrito e pastores, nos seus respectivos campos.

A reunião missionária também tem as suas características peculiares. Apresenta mensagens de diferentes partes do globo. É emocional porque os assistentes revivem na mente e no coração a sua própria experiência. É brilhante porque as delegações estrangeiras trajam indumentária folclórica do seu país. Os hinos, as apresentações, os desfiles, as mensagens e o local constituem unidade preciosa.

No domingo de Assembleia Geral de 1980, o culto de Santa Ceia foi um tanto diferente. Cada pessoa ao sentar-se recebeu um envelope apropriado com os elementos que se deviam usar mais tarde. O Dr. Coulter, Superintendente Geral, dirigiu o ritual. Houve dois cultos idênticos com um total de 38.000 pessoas.

O cerimonial foi transmitido via satélite nos Estados Unidos e outros países.

Também as reuniões missionárias foram duplicadas. A música executada por grupos internacionais foi insuperável; quase todos os participantes eram jovens; de salientar a apresentação do Dr. Timothy Yeh da China que deu o seu testemunho acerca de como conseguiu manter-se firme na fé perante os ataques do inimigo.

Mas o mais importante foi o ambiente espiritual e a bênção de Deus recebida por todos. Os eventos foram diferentes, mas o resultado manteve-se: a nossa Igreja continua a cumprir a sua missão.

Neste quinquénio procuremos proclamar com alegria que “a santidade cristã avança”. E todos os participantes dessa experiência maravilhosa recordemos o domingo de Assembleia Geral como ponto de partida para as actividades da nossa Igreja através do mundo inteiro. □

a igreja de Cristo e as boas novas

—John A. Knight

Eu “edificarei a minha igreja” (Mateus 16:18). Esta gloriosa promessa de Cristo encerra profundas implicações para quem possui conhecimento adequado da missão e da mensagem da igreja.

Os crentes não edificam a igreja. Eles são a igreja, “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina” (Efésios 2:20). Edificar a igreja é obra de Cristo e do Espírito Santo.

Jesus edifica a Sua Igreja através da proclamação do evangelho. O protestantismo histórico tem declarado que a igreja está presente onde o evangelho é pregado e os sacramentos administrados. O evangelho é anunciado oralmente pela pregação e, simbolicamente, pelos sacramentos. Cristo “por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação” (Romanos 4:25).

Ele edifica a Sua Igreja por intermédio do Espírito Santo, pelo qual participamos dela no novo nascimento (João 3:8). O Espírito Santo é a manifestação de Cristo. “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mateus 18:20).

Sendo Jesus Cristo quem edifica a Igreja, esta não se pode identificar com qualquer edifício, denominação ou seita. Seria limitar a sua obra. A verdadeira Igreja de Jesus Cristo inclui todos os crentes e discípulos das denominações em que Cristo é exaltado pela pregação do evangelho e está presente na Pessoa do Espírito Santo.

A Igreja não se limita a uma pessoa ou grupo. É uma comunhão (união) de crentes. Não consta de seguidores separados que não aceitam outras partes do edifício, “outros membros do corpo de Cristo”.

Cipriano, pai da Igreja Primitiva, declarou: “Ninguém pode ter Deus por Pai, se não aceita a Igreja por mãe”. Embora as suas palavras tenham sido aplicadas algumas vezes a determinado ramo do Cristianismo, em geral, são significativas.

João Wesley exprimiu a mesma ideia ao declarar que não havia religião ou santidade “solitária”. “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros uns dos outros” (Romanos 12:5).

A Igreja do Nazareno não afirma ser a única igreja. Faz parte da Igreja de Cristo, porque proclama o evangelho que liberta o homem do pecado, do poder de Satanás. Ajuda-o a desfrutar de nova vida em Cristo.

Os materiais e vasos do templo do Velho Testamento foram primeiro informes. Mas, postos em mãos de artistas, tornaram-se belos e úteis. Da mesma forma, a vida dos homens por mais dura que seja, pode ser moldada pelo Arquitecto divino. Assim, “todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor” (Efésios 2:21).

Os nazarenos cremos que os homens podem ser limpos de seus pecados, cheios do Espírito Santo e “irrepreensíveis em santidade, diante de nosso Deus e Pai, na vinda do nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos” (I Tessalonicenses 3:13).

Esta mensagem de completa salvação é pregada em mais de 60 países, por mais de 600 missionários, 7.000 pastores e igrejas e por mais de meio milhão de leigos. Seu ministério é apoiado por nove faculdades, um seminário teológico e um colégio bíblico, bem como por outros centros de preparação pastoral à volta do mundo.

Cristo edifica a Sua Igreja quando se prega o evangelho para libertação do pecado e se administram os sacramentos. Ele nos ordenou ser Seus colaboradores na proclamação do evangelho—o privilégio mais sublime reservado ao homem neste mundo.

A igreja e o evangelho estão intimamente relacionados. As boas novas não são apenas o evangelho com seu poder e glória, mas também a igreja indestrutível. Cristo é o cabeça da Igreja; por isso, o futuro desta está assegurado. Estas são as boas novas para toda a gente. □

celebremos a santa ceia

—Jerry Hull

Tenho participado em muitos cultos de Santa Ceia e administrado alguns. Com frequência a atmosfera ficava carregada.

Qual deve ser o estado de espírito predominante daqueles que participam da comunhão? O riso é tão impróprio como rostos sombrios. A atitude de certa mãe

Foto por F. Sharp

oferece uma boa ilustração. Durante o culto seu filho procurava inutilmente conter o riso. Ela castigou-o. Depois, quando verificou que o menino soluçava, disse: "Assim estás melhor".

Não vos parece que o cenário descrito representa alguns dos nossos cultos de Santa Ceia? Ultimamente assisti a um em que anotei: melancólico, misterioso, presumido, programado, tristonho, superficial e impaciente (quando acabará para voltarmos à vida real?).

Por que se torna taciturna a distribuição dos elementos, em vez de ser uma reunião vitoriosa? Qual o papel do ministro e dos leigos na administração do sacramento?

Duas espécies de atitudes perante a Comunhão podem ajudar a analisar o seu próprio estilo na administração.

Por vezes a cerimónia assemelha-se a uma refeição em casa de tia rigorosa, onde se tem de observar a mais rígida etiqueta. Todos se sentem contrafeitos, quase asfixiados, desejosos de chegar ao fim.

Talvez os pormenores duma refeição de escuteiros ao ar livre nos facilitem a celebração dum culto efectivo de Comunhão.

1. Este grupo disciplinado, mas jovial, espera a comida com alegria.

2. Todos desejam participar.

3. Agradecem pela refeição.

4. Comem com verdadeiro espírito de camaradagem.

5. Procuram recordar os benefícios do alimento e sentem-se felizes por poderem partilhar.

O pão e o cálice representam sacrifício, morte expiatória. Jesus Cristo ofereceu a vida voluntariamente: "Dou a minha vida pelas ovelhas" (João 10:15). Entregou-Se pelos pecadores. O respeito e a reverência não impedem uma celebração alegre e festiva. Gritos e aplausos não são apropriados à nossa forma de adoração. No entanto, o verdadeiro júbilo levará a congregação a aclamar o seu Senhor e Salvador.

O "partir o pão" (Actos 2:46) e a Comunhão são nomes que o Novo Testamento aplica a este sacramento, o qual proclama a morte redentora de Cristo. Não nos alegamos na morte, mas no seu significado singular e na sua relação com a ressurreição.

O convite a participar na Santa Ceia deve ser feito com ênfase e expressão. Todos devem sentir laço de união com aqueles que têm participado do sacramento ao longo da era cristã. Tenhamos verdadeira alegria. Que seja uma proclamação vibrante da morte que dá vida!

A indiferença deve desaparecer do culto de Santa Ceia. A comunhão é mais importante que comer no restaurante da nossa preferência.

A Santa Ceia proporciona alimento espiritual e anuncia uma esperança. É para os que choram e sofrem; mas também para os que se alegram e riem.

Celebremos dignamente a Santa Ceia. □

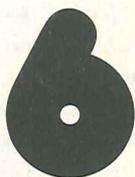


Foto por J. B.

O DÍZIMO É PARA HOJE

—Earl C. Wolf

UMA OFERTA DE AMOR



É verdade que às vezes ensinar e pregar sobre o dízimo cheira mais a legalismo do Velho Testamento que à graça do Novo. Mas também é verdade que a maioria dos cristãos que dão o dízimo do seu salário fazem-no por amor e não legalisticamente. A sua prática de dizimar resulta do amor a Cristo que Se entregou para redenção de cada um deles.

Durante os anos de pastorado aprendi que o amor é extravagante. Paul Scherer tinha razão ao escrever: "O amor é pródigo". Tenho visto, por vezes, cristãos de meios escassos e módicos darem dízimos e ofertas como os mais abastados. E fazem-no por amor e não simplesmente pelos apelos da igreja. Fletcher Spruce declara: "O amor não pode ser legalista, porque não sabe como sê-lo. Praticar o dízimo é um estilo de vida maravilhoso,

pois baseia-se no amor que dá, cuida e compartilha. Qualquer outra razão falharia, mas o amor é motivo suficiente".

Num artigo sobre ofertas, o Dr. Paul R. Orjala responde assim à pergunta "Porque damos?"

Damos porque amamos a Cristo. A nossa oferta é pessoal. Não damos simplesmente para a igreja, ou para uma causa. Cristo transformou nossa vida e continua a fazê-lo diariamente. . . Damos porque Ele nos ensinou a amar o próximo. Cremos que Deus nos quer usar em socorrer outras pessoas necessitadas. É certo que podemos gastar todo o dinheiro em nossas próprias necessidades—impostos, contas a pagar, planos previdentes para o futuro. Mas perderemos as bênçãos de Deus reservadas aos que dão, bem como a experiência de amar e cuidar daqueles com os quais compartilhamos.

O amor está sempre pronto a dar. "Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu" (João 3:16). E continua a dar-*Se* todos os dias. Na sua oferta o cristão reflecte a natureza do Pai celestial. A mordomia, portanto, não é algo realizado por nobre esforço humano. É a expressão do amor de Deus através de nossas vidas. "O amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Romanos 5:5).

Na prática da mordomia cristã podemos obter ajuda de guias como o dízimo e, também, do conselho de Paulo aos coríntios sobre dar regular e proporcionalmente. No entanto, ofertar o que é inspirado pelo amor não se encontra abrangido por semelhantes normas. A sua única lei é a do amor. Só quando egoístas é que nos tornamos mesquinhos e legalistas. Sempre que amamos, a nossa oferta é generosa, alegre e sacrificial.

É o que Jesus procurou ensinar com a oferta de duas pequenas moedas (Marcos 12:41-44; Lucas 21:1-4), feita por uma viúva pobre. O Mestre sentou-se a observar como as pessoas lançavam suas ofertas na arca do tesouro do templo. Os ricos deitavam quantias consideráveis do que lhes sobejava. O Senhor reparou numa pobre viúva que ofertava duas moedas. A moeda, *lepton* ou *prutah*, era a mais pequena em circulação entre os judeus. Valia, aproximadamente, metade dum centavo. Os rabis judeus não permitiam que alguém oferecesse menos que duas dessas moedas.

A magra oferta da viúva não fora tirada das sobras, mas era quanto ela possuía para viver. Ninguém é capaz de fazer melhor. E, através da oferta, essa viúva encontrou certamente uma nova fonte de satisfação. A sua algibeira ficou vazia; mas o coração, cheio.

"E, estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro; e muitos ricos deitavam muito. Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam meio centavo. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento" (Marcos 12:41-44).

Este amor encontra nobreza e alegria em dar. Fora do amor desaparece toda a beleza nos dízimos e ofertas ou em sacrifícios de qualquer natureza ou grau. Paulo disse: "Ainda que distribuisse toda a minha fortuna, para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria" (I Coríntios 13:3).

As ofertas de pouco valor intrínseco chamavam por vezes a atenção de Jesus, porque elas representavam grandes valores do coração. No relato de João sobre a multiplicação dos pães para alimentar 5.000 pessoas (6:1-13), vemos um jovem que deu seu lanche ao Mestre. Cinco pães e dois peixinhos—oferta de jovem—era tudo que tinha que dar. Não possuía tesouros humanos de preço elevado como prata, ouro ou pedras preciosas. Tudo que tinha era seu lanche. Mas nas mãos de Jesus foi suficiente.

Os nossos dízimos e ofertas são dádivas de amor, quer sejam grandes ou pequenas. Coloquemo-las nas mãos do Mestre para que as use. O amor dá sempre—de tão boa vontade como Deus que deu Seu único Filho; tão sacrificialmente como a viúva que lançou as duas pequenas moedas na arca do tesouro; com tanta alegria como o jovem que entregou seu lanche a Jesus para que Ele o usasse em alimentar a multidão; tão pródigo como Maria de Betânia que partiu o vaso de alabastro para ungi o corpo de Jesus.

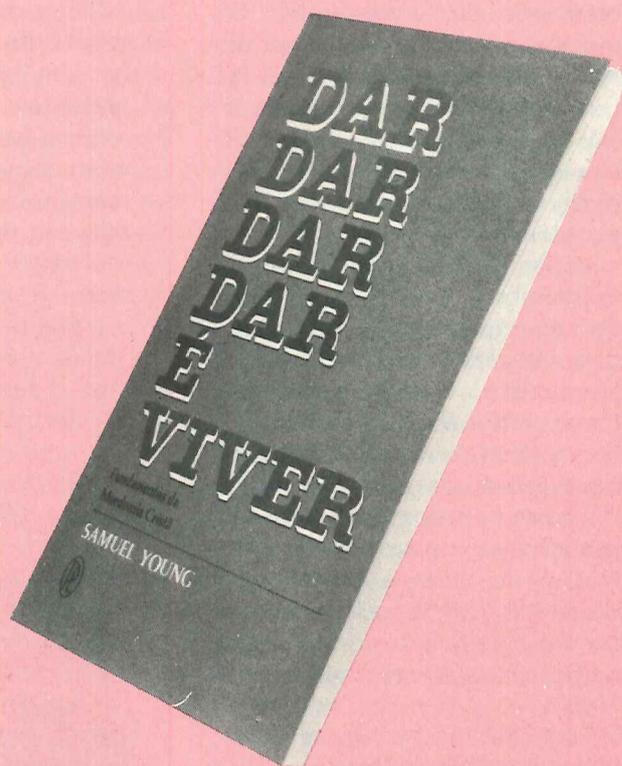
*Senhor, um santo amor achei em Ti;
Não posso, Salvador, negar-Te aqui:
Me postro em gratidão—Cumpro com devoção,
Em grata rendição:—Algo por Ti.* □

DAR É VIVER

Pelo Dr. Samuel Young



O tempo e dinheiro que damos a Deus ganham um novo sentido e propósito à medida que lemos este livro. Para o Dr. Young o amor e a dedicação formam os alicerces da mordomia. E a dádiva inclui tudo quanto somos.



Faça o seu pedido à
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**

90 páginas. Brochura.
U.S.\$1.25

A palavra cidadão tem duplo significado: pessoa que honra sua pátria com lealdade, diligência e apoio; e aquela que nasceu lá, mas que a não apoia nem honra. O mesmo acontece com a palavra discipulado. Serão discípulos só aqueles que dão muito fruto, ou também os infrutíferos?

Andrew Murray diz que esse duplo sentido se encontra também nos evangelhos. Em certas ocasiões a palavra *discípulo* aplica-se àqueles que aceitam a doutrina de Cristo, enquanto noutras passagens se refere a quem segue Cristo e se entrega sem reservas ao Seu serviço. A diferença provém da nossa atitude. Em cada congregação há um pequeno número de pessoas dedicadas de corpo e alma aos propósitos de Deus. Fazem-no para Sua honra e glória. Outras, porém, contentam-se com uma pequena porção da graça divina.

Ao estudar João 15:8, o problema do duplo significado começa a desvanecer-se. Jesus disse: "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos". Nestas palavras, o Senhor estabelece a definição e o requisito para o discipulado.

Várias pessoas pensam que o Cristianismo é uma causa digna de apoio que oferece a oportunidade de fazer boas obras; mas é apenas isso... uma causa digna". Elas questionam por vezes a falta de significado na sua vida espiritual, porque as dominam determinados pecados, enquanto observam que outros cristãos desfrutam de faces e corações radiantes. Talvez a razão se encontre no significado ambíguo que damos actualmente à palavra *discípulo*.

Em João 15:8 sobressaem duas ideias: (1) Dar muito fruto; e (2) glorificar a Deus Pai.

Dar muito fruto

Jesus fez uma promessa, não exigência, quando declarou que os ramos devem ser frutíferos.

Dar fruto é resultado natural da permanência na videira. Ao falar de discipulado, a ênfase não está na palavra *muito*, mas em *fruto*: crescimento, desenvolvimento, maturação. Daremos muito fruto enquanto permanecermos na videira e nos desenvolvermos e amadurecermos até "à medida da estatura completa de Cristo" (Efésios 4:13). *Muito* fruto não significa necessariamente quantidade, mas qualidade.

Certo bambu de Sri Lanka cresce 40 centímetros diários e atinge a altura de 40 metros, o que será equivalente à altura dum prédio de onze andares.

Imaginemos uma semente mais pequena que a bolota, com 25 gramas de peso. Dentro de mil anos pode ser árvore gigantesca com 125 metros de altura, 25 de circunferência na base e capaz de fornecer madeira para construir quinze moradias de tamanho normal.

Dum ovo mais pequeno que a ponta do dedo polegar pode surgir um embrião que, depois de gestado, originará uma baleia com o peso de duas toneladas e com nove metros de comprimento. Crescendo 100 quilos por dia, em sete meses pesará 23 toneladas e medirá 18 metros. Aos treze anos a baleia poderá ter 30 metros de comprimento e 85 toneladas de peso — mais ou menos o tamanho dum submarino moderno.

É extraordinário! No entanto, os dados ilustram que o crescimento ultrapassa o conceito de números e tamanho. O crescimento, o desenvolvimento e a maturação pressupõem, naturalmente, mudança na estrutura e na forma.

Dar *muito fruto* exige dependência constante que nos permita crescer "à medida da estatura completa de Cristo". Talvez esse desejo imponha novo estilo de vida e de prioridades sob o controle do Espírito Santo. Ser discípulo de Cristo significa dar muito fruto.

discipulado: dar fruto



Glorificar a Deus Pai

Uma das finalidades da redenção é capacitar-nos a produzir fruto. Jesus disse: "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto". O conceito espiritual explica-se pela relação entre os ramos e a videira. O fruto colhido do ramo não nos incita a dizer: "Que ramo tão bom!" Antes: "Esta é uma videira excelente". Talvez, ao sair da vinha, indaguemos sobre quem é o agricultor.

Sem forçar a ilustração, vejamos as palavras de Cristo: "Eu sou a videira e meu Pai é o lavrador" (João 15:1). Como ramos, quando damos fruto, glorificamos o Pai. As nossas vidas devem atrair pessoas para Deus.

Na sua autobiografia, Michael Pupin, inventor e filósofo, diz que se começou a interessar na investigação científica quando de criança guardava o gado nas colinas da Hungria. Ao observar as estrelas, desejava saber quem lhes fornecia tanta luz. Descobriu no

feira espiritual

—Frank B. Stanger

A adoração cristã é sublimada nos dois sacramentos da igreja: batismo e Santa Ceia.

Cada sacramento simboliza diferente obra da graça divina. O batismo é símbolo da regeneração; a Santa Ceia, da morte de Cristo. É sinal da aceitação pessoal do Senhor Jesus Cristo na Sua morte expiatória.

Os dois sacramentos representam a intenção cristã. No batismo, o candidato exprime o desejo de pertencer ao reino dos céus, à Igreja de Jesus Cristo. Na Ceia do Senhor, o comungante deseja viver nova vida, obedecer aos mandamentos de Deus e seguir Seu caminho.

Os sacramentos são um meio de graça. Ao participar de qualquer deles, dispomo-nos a que o Espírito Santo esquadrinhe o profundo do nosso ser, o qual resulta em crescimento cristão.

Consideremos o sacramento da Ceia do Senhor.

Foto por J. B.

brilho das estrelas uma linguagem celestial de louvor a Deus. Se nós aceitamos que a natureza e o universo foram criados para glorificar o Pai, compreenderemos a finalidade da nossa experiência cristã.

A um menino que assistia a uma igreja com vitrais coloridos retratando vários santos, alguém perguntou: "Quem é um santo?" Ele respondeu: "É alguém através do qual brilha a luz".

Em Mateus 5:16, Jesus declarou: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". A luz que brilha através de nós é o fruto que devemos dar. Jesus disse que pelos frutos seríamos conhecidos.

Andrew Murray explicou que não devemos julgar os outros mas ser ramos bons, permanentes, frutíferos e com o nome de discípulos. □

—Ken Mills



1. É uma festa de *proclamação*. Cristo disse: "Isto é o meu corpo, que é partido por vós; fazei isto

em memória de mim" (I Coríntios 11:24-25). "Este é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados" (Mateus 26:28). O apóstolo Paulo recorreu aos coríntios: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha" (I Coríntios 11:26).

Este sacramento representa, diante de Deus e dos homens, o sacrifício de Cristo para redenção da humanidade. Usado correctamente, este meio de graça pode incrementar o evangelismo na adoração da Igreja Cristã.

2. É uma festa de *participação*: (1) nos benefícios do sacrifício expiatório de Cristo; (2) na vida diária com Cristo; (3) na comunidade dos remidos.

Num dos seus sermões, João Wesley disse: "O cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? (I Coríntios 10:16). Comer o pão e beber o cálice, não é o meio exterior e visível pelo qual Deus comunica às vossas almas a graça espiritual, justiça, paz e alegria no Espírito Santo que foram compradas com o corpo e sangue de Cristo? Todo aquele, pois, que anele a graça de Deus, coma desse pão e beba desse cálice".

João Wesley considerava este sacramento como um dos meios principais da graça redentora de Deus. Escreveu no seu *Diário*: "A Ceia do Senhor foi ordenada por Deus para comunicar ao homem a graça preveniente, justificadora ou santificadora, de acordo com suas diferentes necessidades".

Wesley cria que a Ceia do Senhor, em sentido real, podia também comunicar a verdade salvadora a quem carecesse dela.

Este sacramento possibilita a comunhão com Jesus Cristo. Segundo Wesley, o Espírito Santo faz que os elementos sejam reais, não no sentido da transubstancia-

ção ou consubstanciação, mas numa relação mística do crente com Cristo.

3. A Ceia do Senhor é uma festa de *companheirismo* para quantos estamos intimamente unidos na vida cristã e no ministério. Jesus teve comunhão íntima com os apóstolos, particularmente na noite em que instituiu o sacramento.

4. É uma festa de *provisão*. Nela se provê alimento espiritual. Wesley exortou: "Todos os que desejam crescer na graça de Deus têm que esperar com paciência e participar na Ceia do Senhor. O sacramento é um meio pelo qual Deus reparte Sua graça a quem espera n'Ele e crê no mandato divino". A nossa alma alimenta-se na mesa do Senhor.

Jeremias Taylor declarou: "Todos os cristãos se devem aproximar da mesa. Os fortes devem participar a fim de não enfraquecerem, e os débeis para se tornarem fortes. O enfermo deve participar para obter saúde, o são para a conservar. Os pecadores arrependidos para serem justificados e os que já o são para se manterem firmes. Assim as nossas almas podem ser transformadas à semelhança e união com Cristo ao ser alimentadas constantemente n'Ele, ao desfrutar Seu *companheirismo* não só no templo, mas no próprio coração."

5. A Ceia do Senhor é uma festa de *perpetuação*. Sempre se participa em memória de Cristo. Quando o Senhor a instituiu assim o fez saber aos discípulos.

6. Finalmente, é uma festa de *projectão*. Imediatamente depois de dar o cálice aos discípulos, Jesus disse: "Desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba, de novo, convosco, no reino do meu Pai" (Mateus 26:29). A comunhão transporta-nos à Segunda Vinda de Cristo com toda a Sua glória.

Proclamação, participação, provisão, perpetuação, projectão: tudo isto significa a Ceia do Senhor. □



Ao estudar a nossa tradição e teologia da Santa Ceia, tornamos mais compreensível o tema da participação das crianças neste sacramento.

Os nossos antepassados no movimento de santidade foram liberais quanto à teologia e à forma de ministrar os sacramentos. Praticavam e promoviam a doutrina wesleyana da inteira santificação sem atenderem a outros pontos—como ritual e governo—, considerados de menor importância.

Por isso, as denominações que surgiram do movimento, ou revitalizadas por ele, concederam grande flexibilidade aos níveis administrativos. Cada congregação procurava manter na prática algum ponto de vista que refletia, geralmente, o da denominação em que a maioria tinha suas raízes.

Provavelmente, foi a ampla visão dos líderes primitivos, a actividade dos missionários e o ministério dos evangelistas ambulantes que contribuíram para a nossa atitude referente aos sacramentos.

Eles pregavam a tolerância e a inclusão, sem olhar às diferenças locais relacionadas com a variedade de antecedentes religiosos que caracterizavam os grupos de santidade. Ocupados com a unidade interdenominacional, pouco se referiam à unidade da própria congregação.

Actualmente, certos pastores de igrejas de santidade não batizam crianças por razões teológicas que consideram sólidas. Mas também não batizam crentes adultos. A Santa Ceia é administrada raras vezes ou superficialmente. Na nossa tolerância permitimos que alguns pastores administrem sem o devido respeito os sacramentos.

Ao verificar a nossa tradição (ou carência dela) quanto à Santa Ceia, desejo apresentar um breve resumo da teologia deste sacramento.

1. *Cristo ordenou a sua celebração*. Sendo um mandato para os crentes, cumpri-lo pressupõe bênção. Uma vez que o sacramento expõe com clareza o próprio coração do evangelho, certamente abrangerá o seu significado e propósito.

2. *A Santa Ceia é o evangelho original*. Antes do Novo Testamento, da teologia cristã e da Igreja como tal, já existia a Santa Ceia. Não foi instituída pela comunidade como fruto de suas necessidades. Chegou até nós proveniente de Cristo, não como simples doutrina, mas como momento vivo em que Jesus preside à mesa.

3. *A comunidade cristã não sobrevive apenas com ideias sobre Deus*. Sobrevive e cresce com a presença redentora e a graça divina. Recebemo-las por intermédio do Espírito Santo através da adoração colectiva. Nem as Escrituras nem a experiência da Igreja indicam que uma relação privada seja suficiente. O Espírito guiará o indivíduo até à comunidade cristã. Enquanto a pregação, a oração e o canto podem ser colectivos—e devem sê-lo—a Santa Ceia convida a uma participa-

participação das CRIANÇAS na Santa Ceia

ção voluntária. Na Santa Ceia é o próprio Jesus a dizer: "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19).

4. *A importância deste sacramento reside em Deus e no que Ele fez através de Jesus Cristo.* Quer dizer que comer e beber "dignamente" se relaciona com a necessidade do que Deus fez e está a fazer; e com o estado espiritual com que me aproximo da mesa. Esta verdade pode parecer conduzir-nos à indiferença e ao descuido moral e ético. A Santa Ceia convida-nos à disciplina e a auto-exame rigoroso. Mas a ênfase principal está em Cristo e Sua acção redentora—e não em mim.

5. *A Santa Ceia é a reconstrução do drama da redenção.* O pão e o cálice falam-nos de Cristo, do Seu corpo, do Seu sangue derramado, da Sua presença, do Seu convite amoroso em participar na Sua Segunda Vinda. A encarnação, a doutrina, a cura divina, o culto de adoração, o sofrimento, a morte, a ressurreição e o regresso de Cristo— tudo está presente na celebração da Santa Ceia.

6. *A Santa Ceia é uma manifestação objectiva da redenção, independente daquilo que possamos sentir ou compreender.* Não podemos ir tão longe a ponto de dizer que ela concede mérito ao celebrante. Mas podemos declarar que crer na morte e ressurreição de Cristo por nós é suficiente para que o sacramento seja um meio de graça. A forma que a graça tomará situa-se nas mãos dum Deus amoroso. Não se requer sentimento particular ou nível especial de compreensão. Basta perguntar: Crê você que Cristo morreu por seus pecados?

O exposto leva-nos a pensar que é simples permitir que as crianças participem na Santa Ceia. À medida que a criança se torna responsável do seu próprio carácter espiritual, eu, como pai, tenho o direito de apelar para as promessas divinas. Posso concluir que o sacramento também é para o meu filho e, nesta base, conduzi-lo à mesa.

Precisa-se de discernimento para avaliação do nível em que se encontra um menino no seu desenvolvimento espiritual. Ele não distingue, como nós, entre "conhecimento intelectual" e "convicção de coração". É difícil reconhecer quando se procede correctamente. São necessárias perguntas adequadas e instrução. Qualquer que seja o problema neste ponto, não existe razão para negar às crianças a participação na Santa Ceia. Mesmo quando não atinjam as nossas normas de "fé genuína" ou de "ser bons".

As nossas crianças precisam de Cristo. Declaramo-lo quando permitimos que elas participem do sacramento. A Santa Ceia proclama que Jesus precisa delas. Os nossos filhos também precisam da igreja que anuncia Cristo; e a igreja precisa deles. Têm idade suficiente para se unirem a nós na participação dos benefícios da comunhão com o Salvador.

As crianças devem ser exortadas a ter respeito. No entanto, não exijamos mais delas que de nós próprios.

□ —Paul Bassett



Foto por J. Pacheco

PASSARÁ VOCÊ A ESTAS PROVAS?

1. *A prova do CLIMA.* Você é marinheiro de água doce, que só progride quando os ventos são favoráveis, ou é marinheiro aguerrido que avança mesmo quando sopram ventos contrários?

2. *A prova da PREOCUPAÇÃO.* Se você confia, não se preocupe. Se você se preocupa, não confia.

3. *A prova do MUNDANISMO.* Pensa você como pensa o mundo, vai a lugares aonde o mundo vai? Dá sua vida evidência de ter os seus afectos "nas coisas que são de cima, ou nas que são da terra"?

4. *A prova da CARTEIRA.* Que proporção dos seus bens deu no ano passado à obra do Senhor? Foi apenas o dízimo, que era a parte que os judeus davam a Jeová antes da manifestação da graça do Senhor Jesus Cristo?

5. *A prova da COOPERAÇÃO.* Quanta energia dedica você à obra do Senhor? É uma proporção razoável do tempo que dedica às actividades diárias para ganhar a vida?

6. *A prova do TESTEMUNHO.* Com seus lábios e sua vida está recomendando a Cristo, de tal modo que Ele seja conhecido por todos que não O receberam ainda como Salvador pessoal?

7. *A prova da ESPERA.* Os primeiros cristãos se afastaram dos ídolos e se voltaram para Deus, para esperar o regresso do Filho. Você já deu a volta e aguarda, continuamente, esse regresso?

8. *A prova da CONDUTA.* Espera-se que nós, cristãos, vivamos de tal maneira que os homens vejam as nossas boas obras e gloriifiquemos a nosso Pai que está nos Céus.

companheirismo com Cristo

—Rita Warren



Foto por J. B.

Deseja você que Cristo seja o seu melhor amigo?

Informe-se bem acerca d'Ele. Que faria você no caso de travar amizade recente com alguém? Certamente procuraria saber o mais possível dessa pessoa.

O mesmo deve acontecer na nossa relação com Cristo. Se você pretende que Ele seja seu amigo e companheiro constante precisará de O conhecer melhor. A Bíblia contém informação abundante sobre a pessoa de Jesus, Sua doutrina e como Ele se tornará mais real para você. Além disso, existem numerosos livros que falam da vida de Jesus e de Seus ensinamentos. Quanto mais aprender, mais perto se sentirá d'Ele.

Converse amiúde com Jesus. Já ouviu de alguma amizade que perdurasse apesar de os amigos nunca terem tempo para conversar e estar juntos? Lembra-se de

como começaram suas amizades? Talvez vocês tenham passado meses e anos a conversar sobre coisas consideradas importantes.

Descobriram, mutuamente, os pensamentos e os problemas um do outro e procuraram resolvê-los. No entanto, milhares de cristãos apenas dedicam alguns segundos a conversar com Cristo. E estranham sentir-se afastados d'Ele!

Dedique-se ao serviço do Mestre. Muitas pessoas admitem que existem amigos pelos quais fariam qualquer coisa. Talvez você tenha amigos dedicados a quem deseja ser leal e teria gosto em servir. Faça o mesmo por Jesus.

Ele deu exemplo quando lavou os pés dos discípulos. Humilhou-Se diante dos homens, mesmo sendo o Filho de Deus. Cristo deseja que façamos o mesmo por Ele e por nossos amigos. Servi-

mos a Jesus quando nos sacrificamos pelo próximo. Com a nossa atitude manifestamos que amamos a Deus. Peça-mos ao Senhor que nos mostre a quem e como ajudar.

Confie totalmente em Cristo. Pense nos melhores amigos. Amá-os e confie neles, porque a sua amizade nunca o decepcionou. Olhe para Jesus e deposite confiança total n'Ele. O Mestre é o amigo mais fiel.

Confiar em Cristo é servi-LO, entregar-Lhe todos os problemas e preocupações, com a certeza de que Ele nos ajudará.

Os amigos só nos podem auxiliar dentro de suas possibilidades. Deus pode até fazer milagres para nos socorrer. Precisamos ter fé e confiança para crer no Seu poder infinito.

Ame o Senhor com sinceridade. O amor a Deus manifesta-se na disposição de Lhe obedecer sem olhar ao preço, que às vezes é elevado. O Senhor nunca disse que o caminho é fácil, mas prometeu estar conosco para nos ajudar a vencer obstáculos. Ele ama-nos como ninguém: mais que um pai terreno ama seu filho. Criou-nos com a faculdade de escolha: podemos amá-LO ou rejeitá-LO. Quando dispostos a amar a Deus, Ele nos acompanhará como o Amigo e Companheiro mais dedicado.

Adore a Cristo, Ele é Deus. Os bons amigos são um tesouro. O amor de Deus é a posse mais valiosa deste mundo. Os amigos são humanos. Jesus é divino e deve ser adorado como tal. Você nunca quererá adorar a um amigo colocando-o sobre um pedestal do qual possa cair facilmente. Adore a Deus, cujo amor nunca muda. Cristo é o melhor Amigo. É Deus. Se deseja o Seu companheirismo cotidiano deve adorá-LO pelo que Ele é: santo, puro, omnipotente.

Aceite Jesus como Senhor e Salvador; e desfrutará de Seu companheirismo constante durante a vida e a eternidade. □

SANTIDADE E AMOR

A melhor definição teológica da santificação sob o ponto de vista neo-testamentário é: *Restauração do homem à imagem e semelhança de Deus*. Mas qual é a imagem de Deus? A resposta foi dada de forma gráfica. Jesus Cristo é o único ser perfeito, pleno; a réplica exacta do carácter de Deus em forma humana. Ele é a representação da imagem de Deus.

De acordo com João Wesley, a palavra que melhor capta a essência dessa imagem representada em Cristo é *amor*. Ele afirmou que a santidade e o amor são termos equivalentes. No entanto, Jesus forneceu-lhes o conteúdo. A definição do amor, sob o ponto de vista bíblico, deve procurar-se no dicionário de Deus, Jesus Cristo.

Alguns opõem-se a situar o amor entre os temas importantes na mensagem da santidade. Não compreendem que, quando a vida de Cristo define o amor, este deixa de ser termo sentimental. Não existe fraqueza no amor de Cristo, mas um misto de juízo e de compaixão.

Há quem diga que Cristo não foi motivado pelo amor a quando da purificação do templo. Ao ler o relato desse acontecimento em João 2:14-16, pode-se inferir que o amor é algo mais que sentimentalismo. O amor a Deus desperta a maior indignação quando se ofende a santidade divina em nome da religião, ou quando se tratam injustamente os filhos de Deus.

No Sermão da Montanha, Mateus 5:43-48, Jesus definiu o amor que caracteriza os habitantes do Seu reino. O nosso amor deve ser o reflexo do amor do Pai, que faz cair a chuva sobre justos e injustos: amor desinteressado. Há diferença entre *desinteresse* e *sem interesse*. Aplicado ao amor, o primeiro não tem favoritismos, ama ao próximo e ao inimigo, é inclusivo.

O amor como Cristo o definiu é mais que "côcegas emotivas na válvula cardíaca". Não é enfadonho nem sentimental. Deus não ordena ilusoriamente que tenhamos esses sentimentos com os outros. Talvez a melhor definição seja "boa vontade" (v. 48). A pes-

soa perfeita é aquela que, como o Pai e o Filho, demonstra boa vontade, é imparcial com todos os homens.

Para Cristo, amar a Deus significa obediência à vontade do Pai. Em várias ocasiões insistiu que não estava a fazer a "Sua própria vontade". Para nós, amar a Deus é exactamente o mesmo. Santidade é rendição total ao controle divino, tanto nas decisões mais importantes como nos pormenores mais insignificantes.

Essa entrega inclui amar-se mutuamente. Jesus compara-a à prestação de serviço. "O Filho do homem, também, não veio para ser servido, mas para servir" (Marcos 10:45). Esta espécie de amor envolve mais acção que sentimento. É uma chamada para serviço.

Santidade, santificação, perfeição cristã, são assim definidas por Wesley: "Amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a mente; e ao próximo como a nós mesmos". □

—H. Ray Dunning

Mostre
o seu
apreço
com este



Certificado de Reconhecimento

Concedido a _____

em agradecimento por _____

Em _____
de _____ de _____

(Assinatura)

CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO

- Excelente para todos os departamentos da igreja local ou do distrito.
- Próprio para ser emoldurado.
- Impressão artística, a cores.

Bloco de 25, US\$1.75

Faça o seu pedido hoje à

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

um país maravilhoso

Refiro-me a um país único e maravilhoso, onde não há lágrimas, nem tristeza, nem doença, nem dor, nem morte. Os seus habitantes não se cansam nem envelhecem. Nunca dizem adeus, porque não há separações.

Nesse país não entra o pecado, ninguém pratica maldade. Podem-se andar milhares e milhares de quilómetros sem se encontrar um cemitério ou cortejo fúnebre. Não se precisa aqui de casa mortuária. Não existem sinais de luto. As roupas que se usam são brilhantes e encantadoras.

Ali, amam-se todos com amor genuíno. As flores não perdem a fragrância nem as folhas o verdor. Não há tempestades, erupções vulcânicas ou terremotos. Desconhecem-se febres, epidemias e pestilências. O sol não faz falta, porque há sempre luz e não existe noite. A temperatura é ideal: nem calor demasiado, nem frio excessivo. As nuvens não escurecem e nunca sopram ventos tempestuosos.

Não há ébrios, todos são comedidos. Os homens e as mulheres são puros. Nada imundo lá pode entrar. Não há filhos ilegítimos. O panorama é belo, sem cárceres, prisões ou reformatórios. As portas nunca se fecham à chave e as janelas não precisam de protecção. Os ladrões jamais lá entrarão. Não se lêem livros pornográficos nem se vêem quadros obscenos. Ninguém paga impostos ou rendas. É um

país pacífico, onde não há guerras nem morticínios.

Todas as pessoas são perfeitas. Não há aleijados, coxos, cegos, surdos ou mudos. Hospitais e médicos não são lá precisos, porque toda a gente é saudável, forte e robusta. Nas ruas não se encontram mendigos — toda a gente vive bem. Lepra, cancro, tuberculose, paralisia — são palavras desconhecidas. Não há asilos para doentes mentais.

Estou certo de tudo isto, embora não tenha estado lá. Ainda não tive o privilégio de visitar tão maravilhoso país. Todavia, conheço pelo menos um que visitou esse reino. Depois voltou e contou-nos o que tinha visto. Declarou que o país se chama "Céu" e explicou por suas palavras: "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor" (Apocalipse 21:3-4).

Deseja você ir para esse país? Aliste-se, agora mesmo. Não é difícil. Abra o coração a Jesus, o Rei e Senhor do céu. Peça-Lhe que o limpe de todo o pecado. Então, quando a jornada desta vida terminar, você irá para esse país maravilhoso e lá viverá para sempre. □

—Oswald J. Smith